

Ela observa que, ao longo da história, narrativas sobre mulheres negras foram reduzidas à escravidão e à subalternidade, apagando trajetórias de liderança e protagonismo. “Se existe uma narrativa que reduz mulheres negras à escravidão e ao trabalho, é porque alguém investiu em contar essa história diminuta”, afirma.

Na avaliação da pesquisadora, recuperar figuras como Tereza de Benguela significa ampliar as referências disponíveis para toda a sociedade. “Precisamos saber quem foram essas mulheres porque toda sociedade precisa de referências. Precisa saber de onde veio para saber para onde vai.”

Ao analisar por que muitas brasileiras ainda não se reconhecem como latino-americanas, Naira relaciona esse distanciamento às marcas da colonização e às disputas geopolíticas. “Essa fragmentação da identidade é intencional. A identidade compartilhada é a mola propulsora de qualquer mobilização coletiva”, aponta.

Ela afirma que conhecer a trajetória de mulheres negras funciona como um fortalecimento constante. “Muitas vezes, quando me sinto incapaz diante da opressão, preciso olhar para essas mulheres. É como um alimento. Preciso me alimentar da coragem e da capacidade que elas tiveram de transformar a realidade.”



Nonny Gomes é responsável pelo projeto Pretitudes e Pretitudes Educa



Carlos Vieira/CB/OA Press

Lydia Garcia e a filha Lalê: ensinamentos e luta que atravessam gerações

Ancestralidade que abre caminhos

A história da família Garcia demonstra como esse fortalecimento pode atravessar gerações. Arte-educadora e uma das ativistas históricas do movimento negro brasileiro, Lydia Garcia, de 88 anos, atribui à educação o papel central na preservação da memória. “Educação é o que move toda essa máquina. Educação significa respeito.”

Filha da estilista Isabel Francisca Garcia, conhecida como Madame Garcia, Lydia cresceu cercada por referências de protagonismo feminino e fez questão de transmitir esses valores aos filhos e netos. “Passei para meus filhos toda essa força, essa resistência da mulher negra, viver e valorizar a nossa cultura.”

Ela afirma que a valorização da identidade sempre esteve presente na família, por meio da música, do teatro, do cinema, da política e das artes. “Sem política não existe cultura, e sem cultura não existe política”, pondera.

A administradora e estilista Lalê Garcia, 57, filha de Lydia, conta que cresceu em uma educação afrocêntrica, cercada por referências positivas da população negra. “Desde a decoração da casa até as músicas, os livros e as conversas, tudo mostrava nossa cultura, nossa inteligência e nosso direito de ocupar espaços.”

Ela lembra que seus pais faziam questão de apresentar artistas, médicos, arquitetos e intelectuais negros para que os filhos crescessem sabendo que também poderiam ocupar qualquer profissão. “Precisávamos entender que fazemos parte desse mundo e temos a mesma capacidade de chegar onde quisermos.”

Hoje, ao observar a filha Yaminah, de 29 anos, ela percebe avanços importantes, mas acredita que a sociedade precisa ir além da representatividade. “Não queremos apenas uma pessoa negra em um comercial ou em uma sala de empresários. Queremos equidade, acesso aos mesmos direitos, às mesmas oportunidades e aos mesmos espaços”, ressalta.

Para Lalê, a espiritualidade de matriz africana continua sendo um dos maiores presentes recebidos das mulheres da família. “Os ensinamentos sobre as ervas, as cantigas, os cuidados e a espiritualidade são os maiores presentes que herdei das minhas ancestrais.”

Ao reunir diferentes gerações, profissões e trajetórias, as histórias dessas mulheres revelam que identidade, ancestralidade e pertencimento não são apenas memórias do passado. São ferramentas de transformação do presente e de construção do futuro. Em comum, todas compartilham a certeza de que conhecer a própria história fortalece não apenas quem veio antes, mas também quem ainda está por vir.